KnoWhy #713

Fevereiro 16, 2024

Por que Néfi mencionou o local de sepultamento de Ismael pelo nome?

"E aconteceu que Ismael morreu e foi enterrado no lugar chamado Naom".
1 Néfi 16:34

O conhecimento

Estudiosos santos dos últimos dias há muito reconhecem uma provável correlação entre "o lugar chamado Naom", onde a família de Leí enterrou seu falecido companheiro de viagem e amado sogro, Ismael, e o nome de uma tribo e território chamado Nihm (às vezes escrito Naham, Nahm, Nehem, Nehm ou outra variante semelhante) no Iêmen (1 Néfi 16:34). Inscrições referentes a indivíduos como nhmyn, geralmente traduzidas como "nihmita" (ou às vezes "nahmita" ou "nahamita"), fornecem evidências de que essa tribo existia na região durante os dias de Leí.

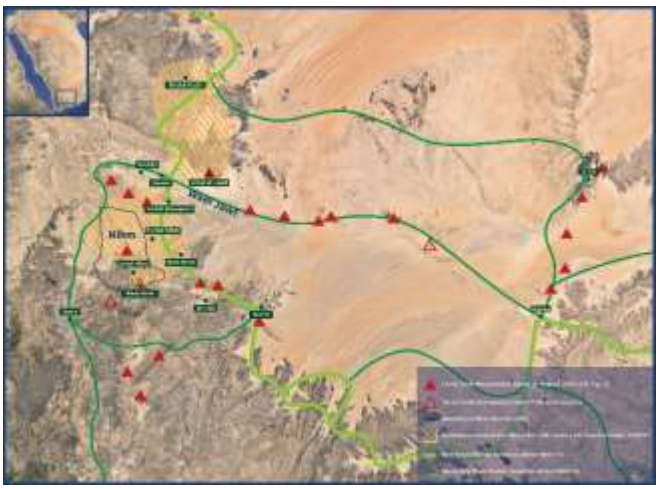
Alguns se perguntam se esta evidência da existência de pessoas conhecidas como Nihmitas pode apoiar a referência do Livro de Mórmon a um lugar chamado Naom. Pesquisas recentes mostram que no norte do Iêmen os nomes estão intimamente relacionados aos grupos tribais que ali vivem, e essa relação remonta aos tempos antigos. Segundo Alessandra Avanzini, em antigas inscrições do sul da Arábia, o nome de uma tribo indicava uma "relação com o grupo de tribos e seu território". Assim, os especialistas identificaram nhmyn como o "nome conhecido da tribo NHM" e também como um termo que identifica alguém "da região de Nihm, a oeste de Marib". À luz dessa estreita relação com as tribos e seus territórios no Iêmen, "não há muita dificuldade em relacionar uma tribo em inscrições antigas ao que é chamado de 'lugar' no Livro de Mórmon".

Para entender melhor essa possível ligação, pesquisas recentes também examinaram mais de perto as fronteiras da tribo Nihm nos tempos antigos. Nos tempos modernos, o distrito de Nihm (em homenagem à tribo) está localizado a nordeste de Sanaa, ao sul do grande vale chamado Wadi Yauf. No entanto, as primeiras fontes islâmicas indicam que a tribo Nihm ocupava um território semelhante ao sul do Yauf e uma extensa região ao norte dele (ver mapa 1). Embora os limites exatos da região da tribo nos tempos pré-islâmicos não possam ser estabelecidos com certeza, várias referências ao nome NHM em inscrições antigas sugerem que a tribo viveu em algum lugar nesta mesma área ao redor do Yauf na antiguidade.

Isso tem implicações interessantes quando considerado à luz da virada para o leste que a família de Leí fez depois de Naom (1 Néfi 17:1). Como vários pesquisadores do Livro de Mórmon apontaram, a localização moderna de Nihm é perto de onde as antigas trilhas viraram para o leste, e localizadas "quase para o leste" do Wadi Yauf são os únicos candidatos conhecidos para a Terra de Abundância. Se as antigas fronteiras de Nihm forem levadas em conta, as fronteiras tribais estão ainda mais próximas de onde as trilhas se ramificam para o leste. De fato, três trilhas conhecidas cortam de leste a oeste através do Iêmen na antiguidade, e todas as três estão próximas das fronteiras de Nihm, documentadas por geógrafos islâmicos medievais (ver mapa 2).

Extensos cemitérios também foram descobertos nesta mesma área, alguns diretamente em território historicamente associado à tribo Nihm, onde Ismael pode ter sido enterrado. Na verdade, uma lápide datada por volta do século VI a.C. com o nome YS2Mʿ ʾL — a forma árabe meridional do nome Ismael — foi encontrado em algum lugar em Wadi Yauf Se esta é ou não a lápide do Livro de Mórmon, Ismael não pode ser provado, mas confirma que "houve um Ismael, enterrado perto da região da tribo Nihm, por volta do século VI a.C.".

Além disso, há uma correlação entre a distribuição dos cemitérios e as rotas para o leste (ver mapa 3).1De acordo com Jean-François Breton, "um mapa desses lugares [de sepultamento] mostra como correm ao longo das principais rotas para leste, desde ʿIrma hasta Shabwa, Barâqish e o alto Jawf. […] Existe uma relação clara entre a distribuição geográfica desses locais de sepultura e as caravanas que seguiam essas rotas".



Com base em todos estes detalhes, parece existir uma estreita relação entre as trilhas para o leste, o sepulcro dos mortos e as primeiras fronteiras conhecidas de Nihm. Da mesma forma, no Livro de Mórmon, a localização de Naom está relacionada ao enterro dos mortos e à viagem para o leste (1 Néfi 16:34-17:1). Esta tripla convergência de detalhes torna altamente provável que Ismael tenha sido sepultado em algum lugar da região tribal de Nihm, no norte do Iêmen. Uma análise detalhada de todas as evidências, convenceu um pesquisador recente de que "a relação convergente entre Naom e Nihm parece ainda mais próxima, mais complexa e fortemente entrelaçada do que se suspeitava anteriormente".

O porquê

Naom é o único nome de lugar dado em 1 Néfi que não parece ser um nome usado exclusivamente por Leí e sua família. Essa especificidade permitiu que os especialistas identificassem o provável local do enterro de Ismael há cerca de 2600 anos. Dada a singularidade desse detalhe no registro de Néfi, vale a pena considerar por que Néfi forneceria um nome identificável aqui — e em nenhum outro lugar — ao longo de sua jornada. Uma possível razão pode estar relacionada à importância de lembrar os mortos nos tempos antigos.

Para Leí, sua família e acima de tudo, para os filhos de Ismael, a morte de Ismael foi uma tragédia dolorosa. Depois de grandes "aflições no deserto", como "fome, sede e cansaço", as filhas de Ismael "choraram muito a perda de seu pai". Lamentaram ter sido "tirado[s] da terra de Jerusalém" e "vagado muito pelo deserto" (1 Néfi 16:35).

Essas queixas são melhor compreendidas à luz das crenças israelitas, sobre o enterro adequado dos mortos, que idealmente ocorreriam na terra de Israel, perto dos locais de sepultamento dos ancestrais. Os patriarcas bíblicos Jacó e José insistiram que seus restos mortais retornassem à terra de Israel quando morressem. Esse impulso foi tão forte que gerações posteriores de judeus do Iêmen — a mesma área em que a família de Leí foi forçada a enterrar Ismael — realmente "fizeram grandes esforços para retornar à Judéia quando enterraram seus mortos, às vezes embarcando em uma jornada pelos desertos da Arábia" para fazê-lo. Enterrá-los em sua terra natal, perto de seus antepassados, era a melhor garantia de que seriam lembrados, visitados e cuidados por seus parentes.

Não só Ismael não poderia retornar à terra de Jerusalém para ser enterrado, mas a família logo teria que deixar seu túmulo para trás, nunca podendo voltar para comemorar seu falecido patriarca. Ao registrar o nome apropriado do lugar onde Ismael foi sepultado, Néfi conseguiu garantir que Ismael fosse lembrado e honrado pelas gerações futuras, apesar dessas circunstâncias nada ideais. Na verdade, 2.600 anos depois, inscrições registrando os nomes Nahom (NHM) e Ismael (YS2Mʿ)L) no sul da Arábia, garantiram que o cemitério de Ismael fosse um dos lugares mais comentados e lembrados no registro do Livro de Mórmon.

Além disso, o próprio nome Naom pode ter sido significativo para Néfi e sua família. Na língua árabe meridional, Nihm provavelmente se referia à alvenaria de pedra, mas para um hebreu como Néfi, as raízes nḥm e nhm carregavam significados associados ao conforto, consolo e luto pelos mortos. Jeremias 16:5-9, por exemplo, descreve as pessoas que choram por seus entes queridos na "casa de luto" por meio de um banquete ritual destinado a dar conforto nḥm e consolo (tnḥmṯ) aos enlutados. A falta geral de comida e água, significava que as famílias de Leí e Ismael provavelmente não poderiam obter conforto através de comida e bebida, mas o próprio nomeNaompode tê-los ajudado a buscar e obter o conforto de que precisavam durante esse período difícil. Como S. Kent Brown observou:

> Embora o significado fosse muito diferente em árabe antigo do sul — referia-se à alvenaria esculpida por lascas — o significado

> hebraico pode estar relacionado ao consolo que os membros do grupo buscaram em Naom após enterrar Ismael, pai de uma das duas famílias do grupo. […]
>
> Com base nisso, é razoável supor que o nome Naom também era importante para eles, talvez porque os lembrasse do conforto de Deus.

A aparência providencial de um nome tão rico em significado para eles exatamente no momento em que precisavam de conforto e consolo divinos, sem dúvida, trouxe conforto para suas almas em meio à sua tristeza e luto.

Leitura complementar

Neal Rappleye, "The Nahom Convergence Reexamined: The Eastward Trail, Burial of the Dead, and the Ancient Borders of Nihm", Interpreter: A Journal of Latter-day Saint Faith and Scholarship 60 (2024): pp. 1–86.

S. Kent Brown, "The Discovery of Nahom", em Be It Known: Book of Mormon Witnesses for Today's Latter-day Saints (American Fork, UT: Covenant Communications, 2023), pp. 47–50.

Neal Rappleye, "The Place—or the Tribe—Called Nahom? NHM as Both a Tribal and Geographic Name in Modern and Ancient Yemen", BYU Studies 62, no. 2 (2023): pp. 49–72.

Evidence Central, "Book of Mormon Evidence: Wordplay on Nahom", Evidence #174 (30 de março de 2021).

Neal Rappleye, "An Ishmael Buried Near Nahom", Interpreter: A Journal of Latter-day Saint Faith and Scholarship 60 (2021): pp. 33–48.

© Central do Livro de Mórmon, 2024

Notas de rodapé

1. Central do Livro de Mórmon, "Quem deu o nome do local de sepultamento de Ismael de Naom? (1 Nephi 16:34)", KnoWy 19 (23 de janeiro de 2017).
2. Warren P. Aston, "Newly Found Altars from Nahom", Journal of Book of Mormon Studies 10, no. 2 (2001): pp. 56–61; Neal Rappleye, "Ishmael and Nahom in Ancient Inscriptions", (artigo apresentado em 2022, na FAIR Conference, Provo, UT, 3 de agosto de 2022). Uma versão ampliada deste documento está sendo preparada para publicação. Para traduções do termo grafado "Nahmite" ou "Nahamita", ambos próximos à grafia do Livro de Mórmon, ver Mayer Lambert, "Les Inscriptions Yéménites du Musée de Bombay", Revue d'Assyriologie et d'archéologie orientale 20 (1923): pp. 80–81; Gonzague Ryckmans, "Inscriptions sud-arabes. Septième série", Le Muséon: Revue D'études Orientales 55 (1942):pp. 125–127; Albert Jamme, "Un désastre nabatéen devant Nagran",, Cahiers de Byrsa 6 (1956): p. 166; Albert Jamme, Miscellanées d'ancient arabe IX (Washington, DC: self-pub., 1979), p. 87. Ver também Albert van den Branden, Les Textes Thamoudéens de Philby, 2 vol. (Louvain, BE: Institut Orientaliste and Publications Universitaires, 1956), 1: p. 52, que está escrito "Nahimite".
3. Ver Neal Rappleye, "The Place—or the Tribe—Called Nahom? NHM as Both a Tribal and Geographic Name in Modern and Ancient Yemen', BYU Studies 62, no. 2 (2023): pp. 49–72.
4. Alessandra Avanzini, By Land and by Sea: A History of South Arabia before Islam Recounted from Inscriptions (Rome, IT: L'Erma di Bretschneider, 2016), p. 59; ênfase adicionada.
5. J. M. Solá Solé, Inschriften aus dem Gebiet Zwischen Mārib und dem ζōf, Sammlung Eduard Glaser II (Viena, AT: Der Öserreichischen Akadaemie der Wissenchaften, 1961), p. 40.
6. Burkhard Vogt, commentary on catalog no. 240, em Jemen: Kunst und Archäologie im Land der Königin von Saba', ed. Wilfried Seipel (Wien: Kunsthistorisches Museum, 1998), p. 325, traducido ao inglés em Queen of Sheba: Treasures from Ancient Yemen, ed. John Simpson (London, UK: British Museum Press, 2002), p. 166. Ver Rappleye, "Place—or the Tribe-Called Nahom", pp. 66–71, para saber mais sobre como os estudiosos interpretaram nhmyn.
7. Rappleye, "Place—or the Tribe-Called Nahom", p. 72.
8. Rappleye, "Place—or the Tribe—Called Nahom", p. 51, fig. 1; Neal Rappleye, "The Nahom Convergence Reexamined: The Eastward Trail, Burial of the Dead, and the Ancient Borders of Nihm", Interpreter: A Journal of Latter-day Saint Faith and Scholarship 60 (2024): pp. 24–26, mapa 5.
9. Ver Rappleye, "Nahom Convergence Reexamined', pp. 26–27; Rappleye, "Place—or the Tribe—Called Nahom", pp. 56–58; Christian Robin, "Nihm: Nubdha fī ʾl-jughrāfiyya al-taʾrīkhiyya wafqan li-muʿṭiyāt al-Hamdānī", em Al-Hamdani: A Great Yemeni Scholar, Studies on the Occasion of His Millennial Anniversary, ed. Yusuf Mohammad Abdallah (Sanaʿa, YE: Sanaʿa University, 1986), pp. 87–93, 97 (mapa).
10. Rappleye, "Nahom Convergence Reexamined", pp. 27–31; Hermann von Wissmann, Zur Geschichte und Landeskunde von Alt-Südarabien, Sammlung Eduard Glaser III (Vienna, AT: Der Öserreichischen Akadaemie der Wissenchaften, 1964), pp. 84–85, map 2; 96–97, 294–295, mapa 17; 307–308.
11. S. Kent Brown, "New Light from Arabia on Lehi's Trail", em Echoes and Evidences of the Book of Mormon, ed. Donald W. Parry, Daniel C. Peterson y John W. Welch (Provo, UT: FARMS, 2002), 89; S. Kent Brown, "New Light: Nahom and the 'Eastward' Turn", Journal of Book of Mormon Studies 12, no. 1 (2003): pp. 111–112, 120; Warren P. Aston, "The Arabian Bountiful Discovered? Evidence for Nephi's Land of Bountiful", Journal of Book of Mormon Studies 7, no. 1 (1998): pp. 4–11, 70; George D. Potter, "Khor Rori: A Maritime Resources-Based Candidate for Nephi's Harbor", Interpreter: A Journal of Latter-day Saint Faith and Scholarship 51 (2022): pp. 253–294. A região de Dhofar se estabeleceu como a melhor candidata para a Terra de Abundância antes que os santos dos últimos dias descobrissem a região de Nihm. Ver Rappleye, "Nahom Convergence Reexamined", 14.
12. Ver Richard LeBaron Bowen Jr., "Ancient Trade Routes in South Arabia", em Archaeological Discoveries in South Arabia, ed. Richard LeBaron Bowen Jr. e Frank P. Albright (Baltimore, MD: Johns Hopkins Press, 1958), pp. 35–42, fig. 33; Nigel Groom, Frankincense and Myrrh: A Study of the Arabian Incense Trade (Harlow, UK: Longman Group Limited; Beirute, Líbano: Librairie de Liban, 1981), p. 167; Michael Jenner, Yemen Rediscovered (Essex, UK: Longman Group Limited, 1983), p. 16; Rappleye, "Nahom Convergence Reexamined", pp. 12–14, 31–32, 33, mapa 6.
13. Ver Rappleye, "Nahom Convergence Reexamined", pp. 16-17.
14. Neal Rappleye, "An Ishmael Buried near Nahom", Interpreter: A Journal of Latter-day Saint Faith and Scholarship 60 (2021): pp.33–48; Rappleye, "Nahom Convergence Reexamined", pp. 18–20; Mounir Arbach, Jérémie Schiettecette, and Ibrâhîm al-Hâdî, Collection of Funerary Stelae from the Jawf Valley: Sanʿâʾ National Museum, Part III (Sanaʿa, YE: Social Fund for Development and United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, 2008), 72, no. 105
15. Rappleye, "Ishmael Buried near Nahom", p. 38.

16. Rappleye, “Nahom Convergence Reexamined“, p. 18.
17. Jean-François Breton, Arabia Felix from the Time of the Queen of Sheba: Eighth Century BC to First Century AD, trad. Albert LaFarge (Notre Dame, IN: University of Norte Dame Press, 1999), p. 144.
18. Ver Rappleye, “Nahom Convergence Reexamined“, pp. 31–41.
19. Rappleye, “Nahom Convergence Reexamined“, p. 38.
20. Isto foi observado por vários pesquisadores, que remonta ao trabalho pioneiro de Hugh Nibley sobre Leí no deserto na década de 1950. Ver Rappleye, “Nahom Convergence Reexamined“, pp. 1–2, 5–6, para análise e citações.
21. Rachel S. Hallote, Death, Burial, and Afterlife in the Biblical World (Chicago, IL: Ivan R. Dee, 2001), p. 46. Ver também Rappleye, “Nahom Convergence Reexamined“, pp. 14–16.
22. Gênesis 47:29–31; 49:29–33; 50:24–26.
23. Martin Gilbert, In Ishmael’s House: A History of Jews in Muslim Lands (New Haven, CT: Yale University Press, 2010), p. 6. Ver também Yosef Tobi, The Jews of Yemen: Studies in their History and Culture (Boston, MA: Brill, 1999), 3.
24. Ver Matthew J. Suriano, A History of Death in the Hebrew Bible (New York, NY: Oxford University Press, 2018).
25. Rappleye, “Ishmael and Nahom in Ancient Inscriptions”.
26 Ver Evidence Central, “Book of Mormon Evidence: Wordplay on Nahom“, Evidence #174 (March 30, 2021), disponível em evidencecentral.org.
27. Ver Philip J. King, Jeremiah: An Archaeological Companion (Louisville, KY: Westminster John Knox, 1993), pp. 140–141.
28. Ver Rappleye, “Nahom Convergence Reexamined“, pp. 22–23.
29. Brown, “New Light from Arabia on Lehi’s Trail“, pp. 82–83.